

economia & história



Celso Furtado, 100 anos: *Uma economia dependente* (1956)

RÔMULO MANZATTO (*)

1 Contexto

Publicado em 1956, *Uma economia dependente* foi o segundo livro de teoria econômica lançado por Celso Furtado. Em volume conciso e com pouco mais de 70 páginas, a obra fez parte da coleção *Os Cadernos de Cultura*, editada e impressa pelo Serviço de Comunicação do então Ministério da Educação e Cultura.

Na época, Furtado já era diretor de desenvolvimento econômico da CEPAL, a Comissão Econômica para a América Latina, mas vinha enfrentando resistências internas motivadas pela exposição independente de seus posicionamentos no debate público e acadêmico.

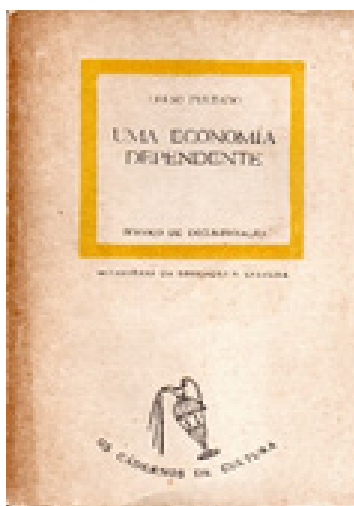
A CEPAL foi fundada no ano de 1948 como parte da estrutura da então recente Organização das Nações Unidas (ONU). Já em seus primeiros anos, a Comissão se nota-

bilizou pela perspectiva original com que analisou os condicionantes econômicos e sociais da trajetória de desenvolvimento dos países latino-americanos. Nesse percurso, foi fundamental a orientação do economista argentino Raúl Prebisch na constituição dos princípios norteadores de atuação da CEPAL nas décadas seguintes.

Já Celso Furtado juntou-se à CEPAL também em 1948, pouco depois de concluir o doutorado em economia na Universidade de Paris, tornando-se um dos membros pioneiros de seu quadro de pesquisadores.

A publicação de *A economia brasileira* em 1954 quase acabou por precipitar a saída de Furtado da CEPAL. Ao difundir suas ideias de maneira independente, o economista brasileiro provocou uma reação

da direção, que logo em seguida editou regras mais rígidas, restringindo a publicação de pesquisas acadê-



Uma economia dependente (Ministério da Educação e Cultura, 1956)

micas independentes por membros de seu quadro funcional.

Na ocasião, descontente com a situação, Furtado chegou a elaborar uma carta à direção da CEPAL, em que manifestava o desejo de retirar um período de licença não remunerada para dedicar-se à pesquisa acadêmica, o que o livraria das restrições impostas a um funcionário de uma agência internacional e lhe daria uma oportunidade de elaborar suas próprias ideias com maior desenvoltura.

No fim, o economista acabou por permanecer no quadro ativo da Comissão e aceitou um cargo para chefiar o Grupo de Trabalho encarregado de elaborar amplo estudo sobre a economia mexicana, realizado em 1956.¹

Publicado nesse mesmo ano em que Furtado chefiava as pesquisas da CEPAL na Cidade do México, *Uma economia dependente* parece ter adquirido maior interesse anos depois de sua primeira publicação do que em seu contexto imediato.

O fato parece decorrer justamente do uso do termo *dependência*, que anos depois, já entre as décadas de 1960 e 1970, ganharia grande repercussão com o surgimento da vertente de estudos sobre o desenvolvimento que veio a ficar conhecida como *Teoria da Dependência*. De fato, existe uma grande proximidade entre os teóricos da

dependência e a produção intelectual da CEPAL e de Celso Furtado.

Como afirma Cristóbal Kay, a Teoria da Dependência surge já no final dos anos 60 como expressão da desilusão com a frustração dos resultados do processo de desenvolvimento econômico dos países da América Latina nas últimas décadas. A Teoria da Dependência passa então a questionar as premissas e as conclusões do pensamento cepalino, bem como a propor novas perspectivas.

Formada por orientações bastante ecléticas, a Teoria da Dependência pode ser dividida em ao menos duas vertentes: a estruturalista, mais próxima da CEPAL, que realiza uma espécie de autocrítica das ideias da Comissão. E a vertente marxista, que a partir dessa orientação de economia política propõe outra interpretação para os determinantes do desenvolvimento de longo prazo dos países latino-americanos. (KAY, 2018, p. 455-456)

Em sua obra autobiográfica, publicada já nos anos de 1980, Furtado chega a registrar o início do intenso processo de autocrítica das ideias da CEPAL que tomava forma em Santiago do Chile após 1964.

Como registra Furtado, nesse período, a capital chilena que desde 1949 abrigava a sede da CEPAL converteu-se em importante centro de atividade intelectual. Foi lá que ocorreram os encontros de

economistas e sociólogos inicialmente capitaneados por Furtado para a avaliação crítica do legado intelectual recente da Comissão.

Os seminários tiveram início em 3 de junho de 1964, realizados às quartas-feiras. Na lista de participantes arrolada por Furtado constam nomes como os de José Medina Echavarría, Osvaldo Sunkel, Fernando Henrique Cardoso e Francisco Weffort. (FURTADO, 2014, p. 410)

Particularmente Osvaldo Sunkel e Fernando Henrique Cardoso, já anos depois, acabariam por desempenhar papel importante no surgimento da vertente estruturalista da Teoria da Dependência.

Ao comentar o tema, em entrevista concedida já na década de 1990, Furtado reafirma a ideia de que a dependência decorria da estrutura do sistema econômico internacional como concebida pela teoria centro-periferia de Prebisch.

Nessa fala, Furtado chega a qualificar *Uma economia dependente (1956)* como “um livro sobre dependência” (BIDERMAN, COZAC e REGO, 1996, p. 74). Também afirma que a contribuição de sociólogos como Fernando Henrique Cardoso “foi mais de olhar dentro da própria sociedade, como é que ela se solda e como se forma a dependência”. (BIDERMAN, COZAC e REGO, 1996, p. 74)

As afirmações de Furtado vão ao encontro do que afirma o historiador Joseph Love que, ao examinar a relação de Furtado com o estruturalismo e as ideias da CEPAL, bem como sua produção intelectual entre as décadas de 1950 e 1960, afirma que “esse conjunto de ensaios coloca Furtado em posição de reivindicar o crédito de ter sido o primeiro analista da dependência”. (LOVE, 2001, p. 252) ²

2 Texto

Uma economia dependente (1956) foi publicada somente dois anos após *A economia brasileira (1954)*; incorporando parte do repertório do livro anterior, seu curto volume é dividido em três capítulos que guardam correspondência direta com a obra anterior de Furtado.

Em *A economia dependente (1956)*, o capítulo I “Unidade Exportadora Escravocrata”, remete diretamente ao capítulo II, “A Unidade Colonial Exportadora-Escravocrata”, de *A economia brasileira (1954)*.

Na versão de 1956, mais concisa, Furtado ressalta a estabilidade da economia colonial no Brasil, destaca também como, aos poucos, a economia de subsistência, ligada à economia exportadora, foi responsável por realizar a ocupação econômica do território.

Também importante foi a formação do que o economista caracteriza

como um imenso reservatório de mão de obra, surgido nos períodos de menor dinamismo da atividade exportadora, quando a atividade externa se contraía e revertia parte de seus fatores produtivos para as atividades de subsistência.

Ao fim do período colonial, os diferentes ciclos de exportação, em suas épocas de expansão e retração, deixaram ao país o que viria a ser um imenso setor de subsistência, com expressivo contingente populacional, que Furtado caracteriza como os “restos reunidos e justapostos de todas as economias de exportação que tinham perdido sua razão de ser”. (FURTADO, 1956, p. 14)

Da mesma forma, o capítulo II de *A economia dependente (1956)*, “*A Instabilidade do novo sistema econômico*”, corresponde ao capítulo III, “A nova Economia Colonial e seus mecanismos de defesa”, de *A economia brasileira (1954)*.

Nesse capítulo, Furtado aborda os pontos básicos dos desequilíbrios causados pela política de valorização do café. Também reapresenta conceitos já abordados em *A Economia Brasileira*, como o mecanismo de socialização das perdas.

De maneira concisa, o economista explica como a economia brasileira foi capaz de absorver os choques externos recorrendo à desvalorização cambial. Nas fases de crise,

esse mecanismo preservava parte dos ganhos dos setores exportadores e mantinha o nível de emprego na economia brasileira à custa do aumento do custo de vida de boa parte da população.

Era como se os prejuízos da economia cafeeira fossem divididos, ou socializados, com toda a coletividade nas épocas de crise, o que não ocorria nas fases de expansão e aumento de preços. Na expansão, o amplo contingente de mão de obra disponível permitia que a economia do café aumentasse seu nível de produção mantendo os salários muito próximos ao nível de subsistência. Esse processo acabou por atuar como mecanismo secular de concentração da renda. (FURTADO, 1956, p. 30-33)

No livro de 1956, Furtado destaca, ainda, o advento do trabalho assalariado em grande escala na economia brasileira, que acaba por constituir um elemento de maior instabilidade, ao mesmo tempo que faz surgir um “novo setor em crescimento ligado ao mercado interno”. (FURTADO, 1956, p. 37)

Também, nesse capítulo, chama a atenção o uso do termo “economia dependente” para referir-se à economia do café como “exportadora de capitais em épocas de depressão” (FURTADO, 1956, p. 24). Na mesma página, Furtado refere-se a essas economias como “primário-dependentes”.

Aqui, Furtado usa o termo “economias dependentes” ou “primário-dependentes” em oposição ao que caracteriza como “países industriais”, também citados na página anterior. Nessa acepção, as “economias dependentes” decorrem diretamente do esquema centro-periferia como pensado por Raúl Prebisch alguns anos antes.

Por sua vez, o capítulo III do livro de 1956, “Ruptura do sistema e transformação estrutural”, remete ao capítulo IV do livro de 1954, “A crise do setor colonial e o deslocamento do centro dinâmico”.

Nesse terceiro e último capítulo de *Uma economia dependente*, Furtado repassa o efeito das iniciativas de compra e destruição dos estoques de café na manutenção do nível de renda durante a crise de 1929, assim como a ideia de “deslocamento do centro dinâmico”.

Furtado mostra como a queda no preço das exportações devido à crise de 1929 precipitou uma súbita desvalorização cambial e o aumento da vulnerabilidade externa da economia brasileira.

Foi então intensificada a política de compra de estoques de café, que acabou por atuar como o equivalente a uma política anticíclica de sustentação do nível da demanda interna, o que contribuiu para a manutenção do nível de emprego em outros setores da economia.

Dada a desvalorização cambial e a manutenção do nível de produção da economia cafeeira, a demanda interna acabou por ser redirecionada para o mercado interno que, por sua vez, também se tornou uma atrativa oportunidade de investimento para o capital nacional. (FURTADO, 1956, p. 54-63)

Nesse mesmo capítulo, o termo “dependente” é agora usado para caracterizar o que Furtado chama de “uma atividade econômica de natureza tipicamente dependente como era a produção de café no Brasil” (FURTADO, 1956, p. 44), e depois retomado diretamente para caracterizar um modelo simplificado de análise de economias dependentes. (FURTADO, 1956, p. 55)³

Assim, *A economia brasileira (1956)* retoma e apresenta os elementos essenciais de *A economia brasileira (1954)* de modo conciso, mais apropriado ao diálogo com o público não especializado. Ao mesmo tempo, o livro de 1956 abre caminho para a comparação entre as primeiras obras de Furtado e a reflexão sobre a dependência que ganharia fôlego nos anos seguintes.

Uma economia dependente é mais uma oportunidade de vislumbrar as etapas da formação do pensamento de Celso Furtado sobre o desenvolvimento. É também um testemunho de que as ideias e os conceitos não se difundem de ma-

neira linear, mas podem ganhar extraordinária projeção, mesmo em outras épocas, quando aptas a analisar a realidade concreta.

Referências

- BIDERMAN, C.; COZAC, L. F. L.; REGO, J. M. **Conversas com economistas brasileiros**. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- BRITO, L. O. B. D. **Marxismo como crítica da ideologia**: um estudo sobre os pensamentos de Fernando Henrique Cardoso e Roberto Schwarz. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.
- FURTADO, C. **A Economia brasileira - contribuição à análise do seu desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1954.
- _____. **Uma economia dependente**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.
- _____. **Obra autobiográfica**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- KAY, C. As contribuições latino-americanas para a teoria crítica do desenvolvimento. **Cad. CRH**, Salvador, 31, p. 451-461, dez. 2018.
- LOVE, J. Furtado e o estruturalismo. In: BRESSER-PEREIRA, L. C.; REGO, J. M. **A grande esperança em Celso Furtado**. São Paulo: Editora 34, 2001.
- MANZATTO, R. Celso Furtado, 100 Anos: A Economia Brasileira (1954). **Informações Fipe**, São Paulo, n. 476, p. 64-68, maio 2020.
- MORAES, I. A. D.; IBRAHIM, H. C.; TAUIL, C. E. O pensamento de Celso Furtado sobre Desenvolvimento Econômico e Capital Externo no Brasil: do Estado interventor-empresendedor ao Estado insurgente-vanguardista. **Revista Pesquisa e Debate**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 143-164, fev. 2020.

-
- 1 Abordei mais detalhadamente a publicação da primeira obra de Furtado enquanto funcionário da CEPAL nesse mesmo boletim. Ver Manzatto (2020).
 - 2 O capítulo 5 de Brito (2019) analisa o papel de Fernando Henrique Cardoso no surgimento da Teoria da Dependência, bem como sua relação com as ideias de Celso Furtado e da CEPAL.
 - 3 Moraes, Ibrahim e Taül (2020, p. 147) notam que o conceito de dependência como usado por Furtado guarda semelhanças com a maneira como o empregava François Perroux, por quem Furtado foi influenciado durante o doutorado na Universidade de Paris-Sorbonne.

() Bacharel em Ciências Econômicas (FEA-USP) e Mestre em Ciência Política (DCP-USP). (E-mail: romulo.manzatto@gmail.com)*